

PRESS RELEASE

Histórias lindas de morrer

Exposição Individual de Sofia Saleme

Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC)

2 de outubro a de dezembro de 2025

Curadoria de Sofia Marçal

Que histórias conta o seu corpo? Que traços visíveis e invisíveis carrega na pele?

Na exposição *Histórias lindas de morrer*, patente a partir de 2 de outubro no Museu Nacional de História Natural e da Ciência, a artista Sofia Saleme explora cicatrizes que habitam corpos: as fragilidades e resistências, dores e as resiliências que marcam os nossos organismos e trajetórias.

Com curadoria de Sofia Marçal, a exposição, composta por 10 painéis de grandes dimensões, foi criada especialmente para esta exposição, em diálogo com a história do espaço: na primeira metade do século XX, a Sala Branca Edmée Marques acolheu o laboratório de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Explorando a anatomia da afetividade, *Histórias lindas de morrer* apresenta longas telas de três metros de comprimento, suspensas entre as vitrines históricas do antigo laboratório. Nelas repousam instrumentos médicos, réplicas de órgãos acometidos por doenças e frascos de vidro que preservam, em líquidos translúcidos, fragmentos reais do corpo humano.

A partir do seu olhar enquanto artista e arquiteta, Sofia Saleme observou e tirou medidas ao espaço para criar desenhos que mergulham no interior do corpo - nas entranhas, fluidos e cicatrizes - refletindo sobre o adoecimento, a dor, o envelhecimento e a regeneração. O desenho é a linguagem fundamental no trabalho de Sofia, que observa o mundo a partir do seu traço. Este é o primeiro corpo de trabalho em que os seus desenhos se expandem para grandes telas, para além das páginas do caderno que carrega consigo diariamente. São propositalmente ambíguos, de múltiplas interpretações e confirmadas da intimidade do observador.

Obras como *Céu Estrelado*, um mapeamento de pintas; *Pústula ouro*, inspirada na amigdalite; *Acidente Amoroso*, sobre uma queimadura; e *Compulsão Prazerosa*, que aborda a gordura, compõem o seu inventário íntimo. Os trabalhos recorrem a pigmentos naturais preparados manualmente, como o *gofun*, uma tinta branca tradicional japonesa feita a partir de conchas de ostra moídas. **Material central da sua prática, a folha de ouro é aplicada com técnica japonesa tradicional (técnicas nipônicas que a artista aprendeu no país) sobre zonas incómodas ou até escatológicas - pus, excrementos, tumores - transformando a matéria rejeitada numa cicatriz preciosa, conferindo beleza ao que normalmente é ignorado e propondo uma reflexão sobre a aceitação, tanto íntima como coletiva.**



“Habitar um espaço carregado de história e de amplitude me libertou. Nele, minha pesquisa sobre doenças e acontecimentos ganhou novas perspectivas e se transformou em matéria viva para minha expressão. A escala generosa do lugar me permitiu explorar novos materiais e formas de desenhar, criando um diálogo direto entre o meu corpo no ato de criar e o corpo do espectador diante das obras”, diz Sofia Saleme.

Esta é a segunda exposição individual da artista brasileira em Portugal. **Em 2024, foi uma das artistas selecionadas para a XXIII Bienal Internacional de Arte de Cerveira**, onde a sua obra *Fala* foi adquirida pela Fundação Bienal de Cerveira. A exposição *Pequenas Mortes*, patente entre março e abril de 2025 no Nowhere, em Lisboa - com curadoria de Cristiana Tejo -, evidenciou fios de cabelo em desenhos e cerâmicas partidas, como símbolo da passagem do tempo e da regeneração do corpo. Em 2023, participou na residência Duplex Air, onde apresentou uma instalação de azulejos portugueses intercalados com azulejos feitos com cabelo. Unindo a sua pesquisa à cultura portuguesa, ativou a obra com uma performance de cantores de fado que, tal como ela, entoaram versos sobre morte, luto e dor.

Mais sobre a artista

SOFIA SALEME
1989, São Paulo
Vive e trabalha entre São Paulo e Lisboa
@sofiasaleme

Formou-se em Arquitetura na Escola da Cidade (SP, 2012) e fez pós-graduação em Práticas Artísticas Contemporâneas na Fundação Armando Álvares Penteado (SP, 2017). Estudou arquitetura na UPC - Universitat Politècnica de Catalunya, em Barcelona (2010) e curadoria na Sotheby's Institute of Art, em Nova York (2014).

Viveu em Tóquio, onde fez uma exposição e participou da residência artística AIR3331 Arts Chiyoda (2019). Participou em residências artísticas da OMA Galeria, em São Bernardo do Campo, SP (2023) e do Duplex, em Lisboa (2024). Foi uma das artistas selecionadas para a XXIII Bienal Internacional de Arte de Cerveira (2024), quando uma das suas obras passou a integrar a coleção. Fez exposições em São Paulo, Rio de Janeiro, Tóquio, Lisboa, Cidade do Porto e Santiago do Chile. É também diretora da plataforma de arte Bigorna.

Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC)

Rua da Escola Politécnica, 58
Terça a domingo: 10h00 às 17h00
Encerra à segunda-feira e feriados
Entrada 6 euros, gratuito ao domingo das 10h00 às 13h00